

ANNO I

SABADO, 1º DE FEVEREIRO DE 1868

N. 5



OUVIDOR

FOLHA

JOCO-SERIA-ILLUSTRADA

PUBLICA

REVISTAS-CARICATURAS-RETRATOS-MODAS.

VISTAS-MUZICAS-ETC-ETC

ASSIGNA-SE

RUA DO OUVIDOR

59

SOBRADO

PREÇOS.

COTAS	PROVÍNCIAS
Um mês 20000	Semestre 112000
Trimestre 56000	Anno 213000
Semestre 102000	Avulso 500
Anno 20000	

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amedée Achard.

Primeira parte

(Continuação.)

Era uma manhã chuvosa. O Sr. do Charnailles, Godofredo, Armando e Adriana passeavam na galeria de armas. O velho castelão, como soldado encanecido na luta, contava andanças do seu tempo de aventuras. Veio a falar-se em esgrima.

«Costuma mentir estas leitões!» perguntou o velho blemente dirigindo-se a Armando.

«Se quer experimentar!» disse o moço, tomando um sabre e colhendo em guarda.

O chefe de Pappenheim acolheu na parede uma armadura em tamanho, vergou a lanção, e examinou-a ponto a ponto, que já estava bastante embolhado.

«Um duelo para ir?» fez.

«Não falei-lhe outras coisas, puntinhos como aquela, e mais afins do que facas de corte. Se quer servir-se de elas, não faça cerimonia!» disse Armando, esquecendo que o Sr. do Charnailles se achava presente.

«O que significa isto? Prótego nosso hóspede!»

«Oh! é nata rúcula, Sr. condé!» replicou Godofredo.

«Não faze com que o primeiro duello do Sr. de La Guerche seja o último.

Injuriou de novo o ferro erguendo-o com o ferro. Apesar da sua juventude, o pôde silenciosamente conhecer, logo depois dos primeiros golpes, que não se media com um adversário de tanta malice. Duas vozes mesmo escancaram os seus fortes. Então contraiu o sobrolho e virou-se logo a cruz vermelha desenhou-se em sua polita fronte. Immediatamente por em jogo, todos os sáthios recursos de que lançava mão nas ocasiões mais críticas, e, parando um golpe com agilidade de pentilha, desarranjou com toda força seu sobre no braço do Armando.

«A arrisca soturnas mãos do Sr. De La Guerche e calão sobre o assalto.

«Desculpe-me; não quiz faltigá-lo mais!» disse Godofredo.

Envergonhado, por ter sido vencido e desarmado diante de Adriana, quiz De La Guerche lançar mão de outro sobre, mas o Sr. do Charnailles interveio-se excusando:

«Basta!

Godofredo e Armando fitaram-se. Que orgulhosa arrogância no olhar de um, e que sede-de-vingança no do outro! Pappenheim abaixou-se e estendendo a espada, que seu adversário deixara cair, apresentou-lha com o sorriso nos labios, proferindo estas palavras:

— Sabi tudo o que se aprende nas escolas; falalhe agora só o que o campo de batalha ensina!

— O coquê de La Guerche, seu pai, bom o sabia; Armando sabel-o-ha em brevo! respondeu com alívio o velho castelão.

— É o que mais desejo a espero,» disse o fidalgão alomâo sem perder de vista o primo da Sra. do Souvigny.

Armando saíu da galeria a passos lentos. Faltava-lhe o ar. Quando só achou no jardim duas lagrimas resvalando-lhe pelas faces.

«Como ello a encarava! Como seria! Oh! há de chegar o dia do desfogo!»

Do repento ostremeceu. Adriana estava de pé diante d'ella.

«Ela tranquilo, porque a odeio tanto, quanto o detestas!» disse ella.

Armando, baixou com tristes as pequenas mãos-de-sua-encantadora prima.

«Choras ainda?

— Não! Não choro mais! e já que me amas, serrei digno de ti!

Armando estava muito eguido; precisava aliviar o coração, desabafando com alguém, polo que foi ao encontro do Reinaldo, que tagava em companhia de Carquefou.

— Bold, herege! vens confessar-te? bradou Reinaldo logo que o viu.

— Quasi, respondeu Armando.

— Então, fala, disse Carquefou, estendendo-lhe a grama.

O Sr. De La Guerche nada ouviu ao seu amigo; narrou-lhe-o que se havia passado desde a chegada de Pappenheim. Reinaldo mostrava-se contentíssimo.

— E dizes que o tal estrangeiro é muito trevidão?

— Muiíssimo!

— E que encara a Sra. do Souvigny?

— Com uma insolência incrível!

— E que traz numerosa companhia?

— Vinte pessoas, entre escudários a homens d'armas,

— Bravo! exclamou Chantfontaine, estregando consolante as mãos.

— Com isso te alegras? São estas as consoladores que me prodigiam? perguntou Du La Guerche.

— Certamente, com a breca! Pois não comprehenderás? Já temos o que tanto ambicionavamo. Esta Pappenheim é um monstro que nos cala de cito. Bemolho sejam todos os santos, santa Estocada principalmente, e

...Hercules corta-cabeça, meu padroneiro!

(Continua na pagina 59)



Alto. Dr. Engº F. C. Ferreira. Mauá de Souza.

BARÃO DE MAUÁ

A VIDA FLUMINENSE



A M^{me} CHON-CHON, O PÚBLICO AGRADECIDO

A VIDA FLUMINENSE

Rio do Janeiro, 1º de Fevereiro de 1868.

Offerecemos hojo aos nossos assinantes os retratos dos distintos acrobatas Penna e Bastos, cujos trabalhos tanto tem agrado.

No 4º numero d'este semanario emitimos franca mente nossa opiniao sobre o merito artistico dos dois intrepidos moços.

Rosita-nos dizer hojo que no domingo passado não flou um lugar vazio na vasta sala do theatre lyrico, e quo es ultimas esfuzas forão disputadas pelos concur rentes com verdadeiro encarnecimento, vendendo-se algumas polo duplo e triplo de seu valor real.

Seja por quo a grande affluencia de espectadores actu poderosamente sobre o entusiasmo do artista; seja porque os freneticos e constantes aplausos o desviamem a ponto de, com risco da vida, lançar-se nos mais arrojados committedos. Penna e Bastos excederão-se n'quelle noite.

O publico chancou ao proscenio e es vitoriou com esforços aplausos.

Amanhã fazem honrelio os douis acrobatas portugueses. Para artistas d'quelle tempora mais vale o proprio merecimento de quo qualquer appello feito pela imprensa ao publico.

* * *

No Gymnasio dramatico continuão os enchentes... de bancos vazios.

Anunciou-se—ultima representação do *explendidio drama Força por força*—meso o publico quo já não come araras, deixou-se ficar em casa, comparecendo apenas no theatro umas trinta ou quarenta pessoas.

Qualquer emprezario teria desanimado: porém furtado Coelho quo, além de autor, actor, poeta, pianista, copologo, literato, desenhista, isto, aquilo e aquil'outro, é tambem muito finorio contenton-se em bradar:

Ingrata patria non possidebis ossa mea! [este *osso* tom em latim duas significações, a saber: ossos o companhia dramatica.]

E logo resolveu transportar-se para S. Paulo, em principio s de Março, levando douis alentados volumens. Em um d'elles irão bem arracados os navioscos copos, e o outro todos os artistas, e ambos torão por fúra este letreiro : FRAGL.

Vento de popa lhe assista!

A propósito :

Há dias disputavão douis cavalheiros. Um d'elles, mais assomado, desafiou o outro. Escolherão-se os padrinhos, preparou-se tudo; faltava só designar o terreno, onde se devia realizar o duello.

Disso um dos padrinhos:

— Não me comprometão. Se a polícia souber prenho-nos. Vejam lá onde se querem bater!

— Tem razão. Devemos escolher um lugar bem solitario, onde tenhamos certez de não encontrar ninguem! observou outro padrinho.

— Justamente, um lugar ermo.

E porzão-se todos a pensar. Cinco minutos depois, bradou um d'elles :

— Achai! Achai! Bator-se-hão na plateia do Gymnasio, n'ma noite em quo se anunciar Força por force, difficilmente acharemos ermo igual.

Esta idéa foi unanimemente abraçada.

* * *

Distribuimos com este numero o retrato do Exm. Sr. Barto de Mauá. Em lugar competente vai o esboço biografico.

Quizeramos escrever com mais desenvolvimento, e a vida do illustre financeiro daria margem para uma biographia importantissima, mas as proporções da nossa folha não comportão artigos muito estirados.

* * *

Na ultima pagina d'este numero damos a continuação da celebre carta de Mezzini a Napoleão 3º.

* * *

Estava literalmente cheio o theatro da rua d'Ajuda na noite de 29 do corrente. Tratava-se, nem mais nem menos, da estreia da nova Companhia Francesa.

A opera escolhida foi — *Os Mosqueteiros da Rainha*.

Excesso calor, aperto insuportavel, um tal alfarro que depois tevo remorsos, a triples *overtures*, curtaia pela orchestra, a impaciencia por causa da humura, tudo iso contribuiu para ozear o animo do publico, e tornal-o desmasiado severo.

A meu ver não é prudente julgar uma companhia por alguns artistas quo se apresentão commovidos n'uma primeira representação.

Bem tempo ao tempo.

Julgo, porém, que já se pôde ajuizar do merito de

alguns, entre elles, as Sr.^a Dauran e Berger, que cantaram com satisfação geral, maximo a primeira.

O tenor pareceu *ligeiro*, mesmo muito *ligeiro*, mas emfim, aguardemos outras provas.

Recomendo á atenção publica certos

Nariz d'embono
Com tal querena
Que entra na scena

Duas horas primeiro que seu dono !

Alcazar

CRONICA FRANCO-BRASILEIRA

A direcção do Alcazar continua a alimentar o público com — caldos requerendados.

Orpheu ! Orpheu ! o sempre o aphrodisiac Orpheu ! (*du réchauffé, quoi !*) sem se lembrar que o uso excessivo dos aphrodisiacos tem consequencias tão.... consequentes !

Assez de jambes !

E se não, observem que os gandins da histori antigo, verdadeiros satélites d'aquele sistema planetário — forão desertando a pouco e pouco.

Já se não encontrão ali as lustrosas faces vermellhas, ornadas de grisalhas suissas & inglesas (duas nacionalidades enruma só barba verdadeira) o tendo por capitil uma reluzente careca, que tão bello effeito produzia à luz do gaz e dos olhos de ces dames.

Já se não reunom ali aqueles celebres Cresus barigudos, que colhido da chita suas curas instadas, para poderem abrir conta as cocalles nas Dexons e Museus da rua do Ouvidor.

Já se não vê essa elegante pleia de moços da moda, que sacrificiam as garetas dos pais e dos amos, para, coherem um olhar, um sorriso da Estrela de Paris ou do Comeio de Tomboucuit.

Nada disto !

Embandos receiros que se riem (porque o riso é contagioso) das pesadas momices do Urbain, eis o publico que sustent o firmando da rua da Valla, tão recomendado de estrelas... flantes. (Nota. A palavra flantes — pôlo se lida em frances ou em portuguez. A culpa não é minha).

Que serão do Alcazar se uma carregação de bons brancos, russos e de outras drôes não tivessem aportado ás nossas plagas ? Sordentos do emgoes encontrarião aqui uma volta conhecida *ferusseez*, *Mie. Gaudou* que, dizem, fiz out' ora as delicias da gente que como sebo.

Quando se encontrão velhos amigos, manha-se vir champagne. É justo. Quando se bebe champagne fica-

so alegro. E' natural. Quando se fica alegre canta-se, grita-se, dão-se hurras ! E' certo. A alegria chega ao delírio ; estrajem as risadas... Por causa de Millo. Gaudon riria-se os russos *coimre des bossus* !

E Millo. Aínde ?

Anunciação os jornais que a scintillante ostrella faz beneficio... mas beneficio a quem ?

A pega escolhida é a *Grande Duchesse de Coquaine-tein*.

Dizem que a beneficiada foi muito caprichosa na escolha do publico, e que só tem ingresso gente muito selecta ; mas quando me lembro que as selectas andão de vezes a tres por dous...

Fundo com uma noticia :

Conta que a Direcção do Alcazar creou uma nova subdivisão do cadeiras — *Stalles d'orchestre, prix 33000 reis, qu'on se le dise !* Mais interessante é que os frequentadores estão resolvidos a entoar em coto na noite do beneficio, do costas para o paleo, esta canção : Oh, Urinette ! Oh, Urinotte !

Não façam pagar os innocentes,
pelos pescadores.

BIOGRAPHIA

Ireneo Evangelista de Souza

Barão de Mauá.

O prestimoso cidadão, cuja biography vamos esboçar, nasceu a 28 de dezembro de 1813, na freguesia do Arroio Grande, distrito do Jaguari, província de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Seus pais, João Evangelista de Souza e D. Marianna de Souza e Silva, o mandardo para o coto em 1822, afim de completar seus estudos.

Em 1825 estreou-se na carreira commercial o pequeno Ireneo Evangelista de Souza, ocupando como caixeirom casa de negociantes de fazendas Antonio José Pereira de Almeida. Ali, apesar de sua tenra idade, tanta apidúcia e boa vontade mostrou que quatro annos depois, retirando-se o Sr. Almeida á vida privada, não se esqueceu de recomendar-l-o a um amigo, cuja influencia podia ser-lhe muito valiosa.

Em 1829 foi recebido como caixeirom por um dos negociantes mais acreditados da Praça do Rio de Janeiro, o Sr. Ricardo Carruthers.

Este então começou a expandir-se diante do jovem Ireneo um brillhante futuro.

As felizes disposições de que era dotado, seu nunes desmentido amor ao trabalho, sua robusta intelligencia e amabilidade do seu trato fizeram-lhe pouco a pouco gran-

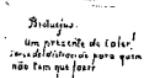


Para fugir do calor do calor, refresquem-se de dálies
da calçada.



Nas Estradas que marcam
o alto e baixo... de Olaria.

Têm seu jérém queijo, só lhe falta a boia.



Antes de dormir para não dormir,
Quando não da hora fada iria nesse
aprendizado exercício.



A Illus - Corra, cheia de calor e praticismo, oferecerá
um chapéu de sol ou trilota, para que elle não se desfa.



Aqua! Aquela que é nômade tem domínio!



Apesar da verão, Olho de Sol que
de uns olhos bonitos



Amphibios
Só a gente podade sempre andar grata!



Cavalaria de Marinha

REGATAS



gendo a estima de quantos o conheciam, e o constituiu mais um filho do que um subalterno do Sr. Ricardo Carruthers.

O velho negociante comprazia-se em auxiliar com seus conselhos o novel discípulo, que só de pratica carecia para tornar-se um dia o primeiro entre os primeiros.

Com tais dotes não podia ser longo o trecinio.

Com efeito, em 1º de janeiro de 1836, o quando tinha apenas 23 annos de idade, foi o futuro iniciador do espirito de associação no Brazil nomeado socio-gerente da casa de Carruthers & C.

Em 1840, querendo dar ainda maior incremento às transações da casa cuja gerencia lhe fora confiada, e cujo crédito já tanto se havia elevado, graças à sua habil direcção, emprehendeu Ireneu Evangelista de Souza uma viagem á Europa, durante a qual estabeleceu em Manchester uma casa sob a firma de Carruthers, de Castro & C.

De volta ao Rio de Janeiro casou-se em 1841 com sua sobrinha D. Maria Joaquina de Souza.

Os annos subsequentes da vida do ilustre rio-grandense constituem uma série nunca interrompida de grandes-emprezas commerciais e industriais.

Em 1845 fundou no Rio Grande uma casa sob a firma de Carruthers, Souza & C.

Em 1846 fez aquisição do estaleiro e fundição da Ponte d'Areia, que jazia em decadência, e que em pouco tempo se tornou o primeiro estabelecimento d'esse gênero na America do Sul.

Meses depois, sendo eleito presidente da commissão da Praça do Commercio, teve mercê do hábito de Christo.

Em 1847, estando na cidade do Rio Grande, ali organizou a «Companhia Rio-grandense de Reboques a Vapor» com o intuito de facilitar o serviço da barra da província.

Em Janeiro de 1850, tendo trabalhado na confecção dos regulamentos para execução do código comercial, foi agraciado com o oficialato da ordem da Rosa, e elevado um anno depois a commendador da mesma ordem.

Por esse tempo, e um pouco depois, estabeleceu em New-York uma casa commercial sob a firma de Carruthers, Dixon & C., e organizou o banco do Brazil.

Em seguida creou as companhias de iluminação a gaz, de estrada de ferro de Petropolis, de navegação e comércio do Amazonas e de diques flutuantes.

Em 30 de abril de 1854, dia em que se inaugurou a primeira via férrea brasileira, foi agraciado com o título de Barão de Mauá.

Em julho do mesmo anno transferiu a propriedade do estabelecimento da Ponte d'Areia a uma compa-
nhia que organizou e da qual é principal accionista e administrador.

Ainda n'este anno fundou no Rio de Janeiro, com uma caixa filial em Londres, a sociedade bancaria em comunitad, sob a firma de Mauá Mac Gregor & C.

Dous annos depois estabeleceu uma casa bancaria em Montevideo sob a firma Mauá & C.

Além d'estas por elle iniciadas e levadas a efeito, tem o Barão de Mauá contribuído com suas luces, seu trabalho e sua fortuna para a realização de quantos ouprezas importantes existem entre nós.

Hoje o Barão de Mauá é membro honorário do Instituto Histórico e Geographico do Brazil, Tesoureiro do Hospício do Pedro II e socio de quasi todas as instituições de beneficencia.

Seus concidadãos o adoram como bons irmãos e mais de uma vez o tem distinguido dando-lhe um lugar na Câmara Temporária.

Todos os brasileiros o respeitam e collocam seu nome no primeiro plano dos cidadãos prelúmos.

O Barão de Mauá conta agora cinquenta e quatro annos. Deus lhe conceda ainda dilatada vida para maior felicidade e engrandecimento da terra que o vio nascer.

Um pascacio no Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

(Continuação)

IV.

Que desespero para Josepha ! Mal Arthur dirigi-se a ella voltando os olhos, a ardilosa voltou-lhe as costas com mal modo, toda ofendida e arrufada.

E tinha razão ?

Ora pálidas ! O rapaz estava em pleno direcção e a viagem da gondola não estabelecerá compromisso. O facto é que o arrufo durou 1

Em compensação, Guillermus olhava para Roberto com cara de beatitude ; este não cabia em si de alegria e cantarolava entre dentes — **BB.**

Não se assustem, amáveis leitores, não invejam esse Roberto, que é pascacio muito grande. Se lhe invejam a sorte — paciencia !

— Paciencia ! — palavra universal, que tem mais applicação que as pillsulas Holloway ou o sem numero das preparações americanas do Dr. Ayer ! E se não invejam :

— « Sinto muito, Sr. Fulano, hoje não pôde ser, volte amanhã....

— Sr... que transtorno,... esse dinheiro....

— Tenha paciencia!

E lá vai o Sr. Fulano impacientado!

— Olha: vem cá, dá-me um abraço, o ultimo, ouviu?

— Ora.... pois não sabes que não posso....

— Ah! não queres? pois não te peço mais!

— Paciencia!

Ou então:

— Pois não fostes promovido?

— O que queres? não sou da família Caxias.... paciencia!

Ainda mais:

— Sabes? O Barreto Basto dá por terra com o mistério.

— Que desgraça!

— Paciencia!

Ainda:

— Oh! senhor que desprezo! É muito caro, não compro.

— Mas senhor, o cambio....

— Essa é boa! Que me importa o cambio? Não compro!

— Paciencia!

E o freguez sae desesperado!

Quando mo dizem — paciencia! — palavra que tem impêcos de gritar com toda-a-força:

— « ora não me masso! »

Vamos à nossa historia.

Ambrosio surgiu repentinamente:

— Apres! estou tinindo! É a primeira e ultima vez; não me pilleão mais!

— O que foi, Ambrosio?

— O que havia de ser, artes do Manduca; o tratanto foi pular a vela do quintal, cabio e está todo coerto do lamo.

— Hi!!! exclamârão as moças em côro.

E d'shi a poueo, entra o tal Manduca: casheca, cara e roupa; tudo era lama e de pronunciado mau cheiro.

Os rapazes levároo os lenços ao nariz e ningum atrevêu-se a approximar-se do menino, que deixava apóz si um vestro de lodo.

— « Salto, atrevido! Mescen-to o tira essa roupa! »

O menino se o pôs disto melhor fez. Começou logo a despir: sacou jaqueta e collete, tirou a camisa num apico, e já ia desabotonando as calças, á vista dos circunstantes, quando Brígida exclamou a esganigar-se toda:

— « Menino!!!!»

Esse menino por si só valia um poema. Manduca a nada atendeu; Ambrosio torcia-se de raiva e quando o filho ia de-fazer-se desse ultimo obstáculo, o velho vi-

rou-se muito lampião, e executou no ar um formidavel pontapé, cujo ponto de applicação era muito bem escolhido. O pontapé, como todas as causas feitas no ar, falhou, o menino esgueirou-se pela porta e Ambrosio estendeu-se redondamente no chão!

O effeito foi explendido!

Depois do baque, ouvio-se um — « ui! » — que foi logo colerto pelos imperdiveis risos das moças. Esse côro de risaltas-atirabio um moleque, que espôs com gosto: douz cônegas congeçâo a laitar com desespero o atô um chim, vendedor de camarão, enlou a cabeça pela janelha para dar fô da algazarra!

Arthur adiantou-se:

— « ora, Sr. Ambrosio.... bem diz a sentença: quem com ferro fere....»

— « Vá lá!... vá dormir? »

Brígida approximou-se com um copo d'água.

— « Toma que te fará bem. »

— « Vá-se com todos os diablos! » e com um tapa arroucou copo, salva e água polos ares.

— « Que infernal paixão, antes não fivessem vinde! » bradou Brígida, já bastante enfadada e com voz de chôra.

A esta saída da mali, Josephina olhou supplicante para Arthur, como quem lho fazia uma exhortação.

A Nônd atravessou o corredor a Arthur, o incorrigivel, foi logo ao seu encalço.

Josephina fez-se rubra como um pimentão e bateu, furiosa, com o pé.

Roberto suspirou uma vez.

Guilhermina respondeu-lho duas: pareço inutil dizer, que, a rapariga estava mordida pelo rapaz! Isto de moga que mordê-se.... Um!!!... temos conversado!

D'ahi a instantes ouvia-se da sala:

— Ah! ah! ah! deixe-se disso!

— Asseguro que vem....

— Com a hespanhola?

— Isto mesmo.

— Ah! ah! ah! pois o rapaz anima-se.... ollo que passa por galante, que me faz a côrte!

— E então? Quer causar-te zelos, Nônd. Desengana-te, ven e traz a hespanhola.

Veremos!

— Queres apostar?

— Quero! O que perdes?

— O que quizeres; prometes....

— Tudo!

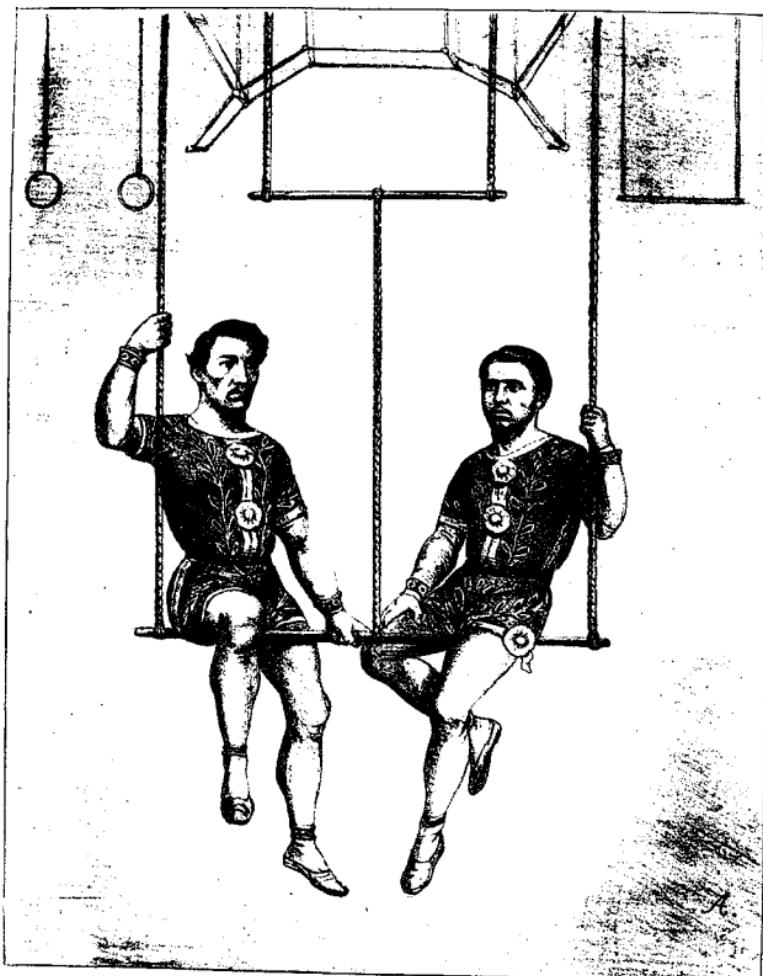
— Monos essa! Isso é com rostricções! Quero só que te comprometas a dar um abraço em um doutor, que aqui virá hoje o que despede-se d'essa vida de rapaz, e moco o bonito!

— Está dito! Um abraço ao Dr. Mogo Bonito. Ah! ah! ah!

E sumiu-se.

(Continua.)

A VIDA FLUMINENSE



OS ACROBATAS PORTUGUEZES PENNA E BASTOS

Armando admirado não podia entender o que seu amigo queria dizer.

— Não te deu por achado. Estes dous santos fui eu que os inventei para meu uso particular. Invoco-os desde pela manhã até à noite.

É como Armando ainda o não comprehendesse, Reinaldo passou seu braço sobre o d'ele e continuou:

— Sempre observei que tuo espírito não tinha muita logica. Não atenta para o encadeamento das coisas. A Grande Fortelle vivia em paz; chega um homem n'uma noite tempestuosa e logo mudão-se as faces das coisas. A vida tom sompre acidentes como estes. Mas quando o homem tem o ar como esse do que acabas de falar, o negocio complica-sa. Acredita-me. Rico, estragoiro, insolento e acompanhado por um bando de matrios, o Sr. de Pappenheim não querer deixar a Grande Fortelle, sem levar uma recordação qualquer.

— E qual pôde elle ter?

— A Sra. de Souvigny, por exemplo.

— Que dizes?

— A verdade. Não está elle apaixonado?

— Infelizmente!

— Bem vés, portanto, que envidiar os maiores esforços para não deixá-lo aqui.

— É impossível!

— Não é, porque elle ama-a e lhe odeia. Sua felicidade o seu desespero, que nais pôde o filhoto querer! Isto é o que se chama um começo de aventura!

— Vai-te para o diabo com a tua aventura!

— Pois bem, irei, se assim o queres: mas o tal Pappenheim irá adiante para mostear-nos o caminho. Eu só não sou como Carquefou; as monos tenho logica.

Ouvindo pronunciar seu nome, Carquefou, que estava deitado de barriga para cima, apoiou-se preguiçosamente sobre os dous cotovellos, entretorn a cabeça entre as mãos, suspirou e disse:

— Bem vejo onde voi parar sua logica, Sr. marquez. Quer meter-te no que não é de sua conta, e acaba por mim envolvendo-a si e a mim em alguma graniticissima trapalhada, em que representarei necessariamente o papel de armazém da panela! Trinta bandilhos contra nós! E bandilhos alâmicos!

— Ninguém te obriga a acompanhar-me, fica em casa.

— Ficar só? Quer então que eu morra de sueto? Não; não, Sr. marquez! Arrastar-me-hei como pulver; fecharei os olhos; farei das frequezas forças... ha de custar-me muito!... Mas ficar em casa, só?!

— Toma enxilado. Talvez haja pancaaria grossa!

— Paciencia; repartiremos entre nós dous. Sempre fui conhecido como muito generoso.

Carquefou suspirou de novo, sentou-se sobre um tronco e, tirando da sacola uma caixa de pão e um lombo de lebre, pôz-se a comer triunfante.

Armando perguntou a Reinaldo, com bastante inquietação:

— Seriamento, estás convencido do quo seashaste de avançar?

— So estou! Vi ha dias o tal marceoo passar a cavallo á boeça da noite por um matagal. Nem eu sabia entao para onde elle ia, nem d'onde vinha. Uma comprida pluma escarlate fluctuava sobre seu chapéu de feltro cinzento; tinha uma grande espada pendente ao lado esquerdo. Era o seu porte sobremaneira alivo. Vinte homens silenciosos formavam sua comitiva. Quando o passou junto da minh' encarrou-me. Desconheci sempre de quem tem olhos annos os d'ele!

— Obrigalo! disse Armando apertando a mão de seu amigo.

— Agora, conta contigo. Na hora do perigo, se perigo houver, onde estiveres, ostrei.

— Eu não disse já, a gente não teria tempo de ter medo!... Mas qual!... É preciso esperar e morrer de paixão vinte vezes por dia, antes de morrer devêrás!

Reinaldo prosseguiu com uma gravidez que lhe não era habitual:

— Una ultima palavra. Não percas do visto o fidalgio alâmico. Indaga bem o quo faz: seguo todos sous passos. Ello é da raça dos milhares; uma hora de descuido bastará para fazel-o desaparecer. Toma cuidado se não queres perder para sempre aquella quo amas.

Armando voltou para o castello muito commôrido. Era noite; havia luz no quarto do Pappenheim. Em quanto De La Guerche no contristado fitava o olhar na janela do aposento de Godofredo, pareceu-lhe ouvir passos, não longe, debaixo de uma moita, cujas arvores assombravam os fossos da Grande Fortelle. Armando escondeu-se instinctivamente por traz de um robusto carvalho, e via passar dous vultos. Um raião da lúa, cando por entre as folhas das arvores, fez-lhe conhecer n'un d'elles o escudero particular do conde. O outro estava todo embrulhado com uma capa; mas não obstante isso vit-se brilhar perto do chão a reluzente parte de cuernos espada. Momentos depois desaparecerão os dous vultos no fin de una alamedela.

De La Guerche estava desarmado, mas nem por isso hesitou em seguir-lhes as pegadas. Os dous vultos, porém, caminhando rapidamente. Chegando ao fosso pararam um instante. Um soim agudo, como um assobio fendendo o ar; abriu-se uma porta baixa, oculta na parte inferior d'uma velha muralha em ruínas; apareceu um homem com um archoite acceso; os dous vultos sumiram-se pela abertura illuminada, e tudo jazeu de novo em trevas.

“É singular! Reinaldo será por ~~seus~~ propheta!” pensou Armando, ocultando-se n'uma moita onde fluiu a espreita.

(Continua.)

José Mazzini a Napoleão III*(Continuação).*

A vida económica da França é hoje uma especulação; a vida religiosa uma hipocrisia católica; a vida política uma negação despotica do direito e da liberdade; a vida social uma necessidade constante do soldados e de espionas; a vida intelectual uma lacuna, que nunca será preenchida, enquanto estiver de pé o ilírono, de quo vos apussastes.

Assim não se governa, senhor: o governo de uma nação é causa por donais serra.

Governo é a liberdade de representação nacional; é o aperfeiçoamento da alma de um povo livre pelo trabalho calmo dos estatistas mais habilitados. O que não foi assim, não passa de um facto momentâneo, profanado por um indivíduo rodeado de aventureiros, de alguns padres, e de um exército pretoriano, promptos à sua vez opprimir *pro tempore*, no seu próprio paiz, a liberdade, a virtude, os sentimentos nobres e a inteligência! Os aventureiros investem já os restos da sua pressa: os padres ali estão prompts a abandonar os logos que retrogradis.

Tristes symptomas são estes! Não sentis estremecer a terra debaixo dos pés abalada por agitores sinistros? Não vos dizem esses agitores que o império é uma mentira? Que nem outra causa podia ser, visto que o formastes á vossa imagem?

Durante os primeiros cincuenta annos do século actual, a partir de Talleyrand, nenhum homem na Europa mentiu tanto como vós: é este o segredo do poder temporário, que ainda tendes nas mãos. Lembrai-vos porém, que n'esta nossa corrompida e sceptica actualidade toda a mentira, que é facilmente acreditada, não dura.

Lançando agora um olhar retrospectivo sobre o passado é mister enumerar os factos, que comprovam a mentira de vossas asserções.

Em 1831 dissesse que a insurreição das populações românicas contra o papa, era causa sagrada. Vosso irmão seguia as mesmas idéas.

Desde 1849 até hoje insultais aquella causa altruísta, á face da Europa inteira, o epíteto de « demagogia. »

Em 1833 disseste em Arrogenberg que, não havendo no mundo carácter nobre, que não fosse desterrado ou perseguido pelos governos, tinheis orgulho em pertencer á numerosa tribo dos proscripitos.

A perseguição incessante, que duranto o vosso império tem sofrido tudo, o que é nobre pelo carácter ou pela idéa, é prova cabal da russa.... incohärenza.

Em 1836, concluído o tratado de Strasburgo, quan-

do Luiz Philippe vos banio da França; reconhecendo as graves faltas em que havicis incorrido para com elle, profundamente comovido pela sua generosa clemência, e ligado até pela vossa palavra do honre, jurastes não conspirar mais contra a monarquia.

A historia dirá um dia o quo fazios na Suissa dous annos depois!

Em 1848 entrastes em Paris com o firme proposito de seguir a bandeira da republica, e dar-lhe provas da dedicação.

Temendo talvez que a palavra não fosse ouvida por todos, escreveste então: — « *Em presençā da soberania nacional venho reclamar tão simeentes direitos de cidadão francês. Não posso nem quero reclamar outra causa.* »

Em novembro apresentando ao povo a vossa condidatura á presidencia escreviste ainda: « *Entre mim e a república não deve existir ambiguidade. Declaro que não aspiro á coroa: não sou ambicioso a esse ponto. Educado no centro de países livres e resistentes, das desfazes da sorte, conservar-me-há sempre dentro dos limites marcados pelos deveres do meu cargo, e pela vontade da assembleia nacional.* »

« *Não só na França, como n'outra qualquer nação que me elegesse presidente da república, eu envindaria todos os meus esforços, pela honra o juro, para obter que no fim de quatro annos o meu successor tivesse encontrado o poder mais forte, e a liberdade intacta.* »

Em dezembro, já sentado na cadeira da presidencia disíss: « *O juramento, que acabo de pronunciar, garante a minha conduta futura. Considerarei inimigos do paiz todos aqueles, que tentarem mudar por meios illegaes a ordem de cousas actualmente establecida pela França inteira.* »

Antes que essas palavras fossem proferidas, Cavagnac projectara uma expedição a Roma para garantir a segurança individual do papa. O projecto foi por vós aspernamente consurrido. « *Não posso appurar qualquer intervenção armada que só iria prejudicar os interesses, que é chamada a proteger.* »

Quatro meses depois as tropas francesas desembarcavam em « Civita Vecchia! »

Em 1849, n'uma proclamação assinada pelo general Oudinot, mas dictada por vós, declarastes, que não era tenção vossa exercer uma influencia opressora em Roma, nem impor-lhe um governo, que não fosse do agrado do povo.

Tres meses depois, Roma, o seu governo, a vontade do povo erão inexoravelmente estmagados.

(Continua).